

# O resultado das eleições na Alemanha

*A chanceler federal alemã, Angela Merkel, conquistou um segundo mandato nas eleições parlamentares de 27 de setembro e anunciou a formação de um governo com os liberais, terminando a coalizão com os social-democratas. A oposição será forte.*

TEXTO: LOTHAR KRAFT

**D**urante vinte anos, de 1963 a 1983, havia no *Bundestag*, a câmara baixa do Parlamento alemão, apenas três bancadas: a tradicionalmente mais forte delas, a da União Democrata Cristã (CDU, junto com a União Social Cristã – CSU), que tem como ícones Konrad Adenauer, Helmut Kohl e Angela Merkel; o Partido Social Democrata (SPD), no qual podemos destacar Willy Brandt, Helmut Schmidt e Gerhard Schröder; e, finalmente, o Partido Liberal, com nomes como Hans-Dietrich Genscher e Guido Westerwelle. Eram dois partidos – CDU/CSU e o SPD – e o pequeno Partido Liberal, que firmava coalizões governistas ora com um, ora com o outro.

Em 1983, no entanto, com a entrada do esquerdista-ambientalista Partido Verde (5,6%), formado por integrantes do movimento estudantil de 1968, o sistema partidário no Parlamento alemão mudou. Com a reunificação alemã, em 1990, surgiu o Partido do Socialismo Democrático (PDS), sucessor do extinto Partido Comunista da Alemanha Oriental, que passou a integrar o Parlamento em 1998, quando recebeu 5,1% dos votos. Nos estados do leste alemão, no território da ex-RDA, esse partido já era forte em 1990, mas não tinha chance nos estados do oeste da Alemanha. Com a união tanto com grupos de esquerda socialistas como com sindicalistas nos estados do oeste alemão e, sobretudo, após o

ingresso do ex-presidente do SPD nessa agremiação, surgiu, há dois anos, o novo partido A Esquerda (Die Linke), que consegue cada vez mais conquistar eleitores nos estados ocidentais, bem como entrar nos parlamentos estaduais. Isso provocou uma mudança na disputa partidária, conflitos e debates fundamentais.

Em vez da presença, durante décadas, de apenas três partidos no Parlamento nacional, hoje há cinco bancadas, o que não facilita a formação de coalizões, sobretudo porque alguns partidos se coligam por princípio (Partido Verde com liberais, SPD com A Esquerda, ou Partido Verde com CDU/CSU). Na história do Parlamento alemão a partir de 1949, houve duas vezes uma assim chamada “grande coalizão” da CDU/CSU com o SPD (em 1966-1969 e em 2005-2009), uma vez a coalizão SPD - Partido Verde (1998-2005) e várias coalizões CDU/CSU com Partido Liberal e SPD com Partido Liberal. Na Alemanha, os partidos são identificados por cores: a CDU/CSU são os pretos; SPD, vermelho; Partido Liberal, amarelo; o Partido Verde, obviamente verde; e A Esquerda, vermelho-escuro.

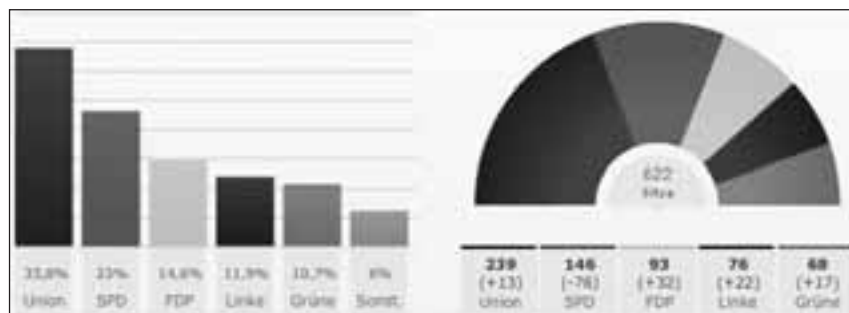
Com as eleições parlamentares de 27 de setembro de 2009, temos novamente uma coalizão da CDU/CSU com o Partido Liberal (a última durou 16 anos – de 1982 até 1998, com Helmut Kohl como chanceler federal). Atualmente,

em 7 dos 16 estados temos uma coalizão CDU/CSU (a CSU existe apenas no estado da Baviera) com os liberais.

Sobre isso há um debate acirrado na Alemanha: o sistema partidário e a concorrência entre os partidos mudaram dramaticamente. Os partidos até então grandes encolheram, e os pequenos cresceram. Os grandes partidos (os assim chamados “partidos populares”), com a ambição de representar todas as camadas sociais deste país, conquistavam durante décadas quase sempre mais de 40% dos votos, enquanto o menor, o Partido Liberal (ou, a partir de 1983 e 1998, respectivamente, os pequenos partidos Liberal, Verde e PDS) ficava(m) sempre com menos de 10%. A seguinte estatística mostra a mudança na participação dos votos dos dois grandes partidos: 1976: 91,2%; 1994: 77,9%; 2009: 56,8%.

Em 27 de setembro deste ano, 62,2 milhões de alemães estavam aptos a votar. O voto na Alemanha não é obrigatório. Para a 17ª Legislatura, 3500 de 28 partidos concorreram a cerca de 600 cadeiras no Parlamento. Devido a uma particularidade da legislação eleitoral alemã (existem dois votos: um direto para o candidato do distrito eleitoral e o outro para um dos partidos), o *Bundestag* passou a ter 622 deputados, dos quais 202 são novatos. No primeiro voto (para o candidato do distrito eleitoral), a CDU/CSU ganhou dois terços dos mandatos (39,4%); 1,1 milhão dos eleitores da CDU deram seu segundo voto ao Partido Liberal.

Na participação eleitoral percebe-se uma clara tendência: em 1972: 91,1%; em 1998: 82,2%; em 2005: 77,7%; e em 2009: 70,8%. Essa participação eleitoral, ou a capacidade dos partidos de mobilizar os seus potenciais eleitores, tem consequências para o desempenho dos partidos. Em 2009, dezoito





*Horst Seehofer (CSU), Angela Merkel (CDU) e Guido Westerwelle (Partido Liberal) no foco da imprensa após a eleição*



*Deutscher Bundestag*

milhões de eleitores (29,2%) não foram votar.

O resultado da eleição em cifras: CDU/CSU: 33,8% (-1,4%); SPD: 23,0% (-11,2%); Partido Liberal: 12,4,9% (+ 4,8); A Esquerda: 11,9% (+3,2); Partido Verde: 10,7 % (+2,6). Representação dos partidos no Bundestag: CDU/CSU: 239 deputados (+17); SPD: 146 (-75 !); FDP: 93 (+32 !); A Esquerda: 76 (+23); Partido Verde: 68 (+17).

O resultado das eleições foi trágico e dramático para o SPD, o mais antigo partido alemão, com 146 anos, um ator importante na história da democracia alemã, conhecido como o “partido da justiça social”. Desde 1998, o SPD perdeu 10,2 milhões de eleitores. Nas últimas eleições também não conseguiu mobilizar seus potenciais eleitores e perdeu de maneira catastrófica para outros partidos e através da abstenção – 2,1 milhões dos eleitores que antes tinham votado no SPD ficaram em casa, 1,1 milhão optaram pelo partido A Esquerda.

O novo partido A Esquerda estabeleceu-se na Alemanha inteira, tanto no leste (onde sempre foi forte) como também no oeste. Neste momento está representado em 12 parlamentos estaduais. Na recente eleição, recebeu 28,5% dos votos nos distritos eleitorais

orientais e 8,3% nos ocidentais. Ainda existe uma diferença no comportamento eleitoral entre as duas ex-Alemanha (Oriental e Ocidental). O sucesso do partido A Esquerda muda a disputa partidária e o sistema partidário alemão, sobretudo à custa do historicamente tão significativo SPD, uma consequência da reunificação. Surge uma pergunta central: como se desenvolverá nos próximos anos o relacionamento entre SPD e A Esquerda? Renasce um velho trauma da história da democracia social e do socialismo (Bernstein versus Liebknecht/Luxemburg ou a unificação forçada dos social-democratas com o Partido Comunista em 1946 na Alemanha Oriental).

A maioria dos eleitores quis o fim da grande coalizão SPD/CDU-CSU, embora esta tenha governado de maneira bem-sucedida, objetiva, pragmática, não-ideológica, com a respeitada chanceler Angela Merkel (“a menina protestante do leste”) e seu vice-chanceler do SPD, Frank-Walter Steinmeier, um político eficiente e competente, que chegou a ser seu concorrente pela Chancelaria Federal nas últimas eleições. A CDU/CSU e o Partido Liberal obtiveram um mandato eleitoral claro, formar uma maioria estável para os próximos quatro anos. A oposição será composta por três partidos: SPD, A Esquerda e o Partido Verde. A Alemanha agora se encontra numa

situação classicamente democrática: tem um governo com uma maioria entre os deputados que elegem o chefe de governo, e uma oposição forte, que fará todo o possível para desafiar e pressionar o governo. Não será fácil para o governo. Um exemplo: terá que lidar com o gigante endividamento do Estado, ainda do tempo da reunificação alemã em 1990, mas, sobretudo, consequência da crise financeira e econômica de 2008 que atingiu gravemente a Alemanha.

Para encerrar, uma curiosidade: um novo partido político, o Partido Pirata alemão conseguiu na primeira tentativa uma mobilização de 2%, sobretudo entre jovens eleitores (800.000 eleitores, 10.000 membros). Eles defendem o direito à liberdade na internet e são contra a sua censura e um crescente controle da web (por causa da luta contra a criminalidade e o terrorismo). Lembrando: em 1980, o Partido Verde obteve 1,5% dos votos. Na época, não foi levado a sério. Agora está representado no Parlamento com mais de 10% e durante o governo Schröder formou uma coalizão com o SPD.

A Alemanha tem agora um posicionamento claro entre governo e oposição. Os desafios sociais e político-econômicos e as reviravoltas fundamentais na disputa partidária levarão a debates acalorados. ■